

Helena de Souza Nunes
Organizadora

**EAD na Formação de Professores de Música:
Fundamentos e Prospecções**

Volume 1

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

Tubarão - 2012



Presidenta da República

Dilma Vanna Rousseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor

Ruy Vicente Oppermann

Secretário de Educação a Distância

Sérgio Roberto Kieling Franco

Diretor do Instituto de Artes

Alfredo Nicolaiewsky

Chefe do Departamento de Música

Jocelei Cirilo Bohrer

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Música EAD

Helena Müller de Souza Nunes

Comitê Editorial de Educação a Distância da SEAD/UFRGS

Lovois de Andrade Miguel

Mara Lúcia Fernandes Carneiro

Sérgio Roberto Kieling Franco

Silvestre Novak

Sílvio Luiz Souza Cunha

Helena de Souza Nunes
Organizadora

**EAD na Formação de Professores de Música:
Fundamentos e Prospecções**

Volume 1

 Licenciatura em Música modalidade EAD
Programa Pró-Licenciaturas do MEC

Programa Pró-Licenciaturas do MEC
Licenciatura em Música modalidade EAD da UFRGS e Universidades Parceiras

Capa: Sabrina Spritzer

Projeto gráfico e ilustrações: Pedro Steigleder Matzenbacher e Sabrina Spritzer

Diagramação: Lucas de Moura, Ricardo Gabriel Herdt, Rodrigo Schramm

Revisão de conteúdos: Clarissa de Godoy Menezes, Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos, Dorcas Janice Weber, Felipe de Miranda Rebouças, Leonardo Nunes, Marília Raquel Albornoz Stein

Revisão de ortografia, gramática e padronização ABNT: Patrícia Regina da Costa

E11 EAD na formação de professores de música : volume 1 : fundamentos e prospecções / Helena de Souza Nunes organizadora ; colaboradores Adriano Almeida Oliveira ... [et al.] -- Tubarão : Copiart, 2012.
320 p. il. color. ; 23 cm.

ISBN 978-85-99554-77-7

1. Música na educação. 2. Música – Instrução e estudo.
3. Ensino a distância – Brasil. I. Nunes, Helena de Souza.

CDD (21. ed.) 371.33

Elaborada por: Sibele Meneghel Bittencourt – CRB 14/244

Teclado no Ensino de Música a Distância

*Catarina Leite Domenici*²⁸

*Fátima Weber Rosas*²⁹

*Maurício Starosta Neto*³⁰

*Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos*³¹

*Edilson Schultz*³²

*Leandro Libardi Serafim*³³

*Helena de Souza Nunes*³⁴

Educar e aprender nunca é uma tarefa solitária. Desde a educação familiar até a educação formal há sempre vários agentes envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. A nossa experiência na interdisciplina Seminário Integrador Teclado não foi diferente. Desde o envolvimento de professores formadores, tutores de sede, tutores de polo e alunos, ao trabalho de uma equipe

²⁸Doutora em Performance e Literatura Pianística (Eastman School of Music University of Rochester, 2000). Professora Adjunta do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS. Professora do PROLICENMUS em Seminário Integrador – Teclado.

²⁹Especialista em Artes e Educação Física (UFRGS, 2008). Tutora de Seminário Integrador – Teclado. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

³⁰Mestre em Música-Práticas Interpretativas: Piano (UFRGS, 2004). Tutor de Seminário Integrador – Teclado. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

³¹Bacharel em Música (UFRGS, 1991). Tutora na universidade, de polo em Cachoeirinha/RS e itinerante em Rondônia e Bahia. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

³²Especialista em Artes e Educação Física (UFRGS, 2008). Tutor do polo de Porto Velho/RO. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

³³Licenciado em Música (UFRGS, 2011). Tutor de Conjuntos Musicais Escolares e Música Aplicada. Músico de Mídias Digitais do PROLICENMUS.

³⁴Doutora em Música (Musikpädagogik und Ihre Didaktik. Dortmund Universität, 1999). Professora Associada do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS. Professora do PROLICENMUS no eixo de Execução Musical. Coordenadora do PROLICENMUS.

que foi mudando ao longo do curso, até a interação com a equipe de violão, o trabalho desenvolvido nesta interdisciplina se constituiu em um verdadeiro empreendimento coletivo.

O caráter colaborativo transcende o trabalho desenvolvido pelas várias equipes na construção da interdisciplina e dos Objetos Virtuais de Aprendizagem, para se manifestar na própria composição deste capítulo, o qual traz relatos de experiência de alguns dos agentes nesse processo. Em “Os Primeiros Tempos” Fátima Weber Rosas e Maurício Starosta traçam um breve histórico dos primeiros processos criativos do *Ebook* – Teclado Acompanhamento. Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos contribui com “A construção de um Cotidiano para a Equipe”, descrevendo a sua experiência ao atuar nas várias equipes de Teclado, que ajudaram na construção da interdisciplina e na criação e ampliação do *Ebook*. Catarina Leite Domenici apresenta “Desafios, Reflexões e Propostas”, tratando do ensino do teclado a distância com base em sua experiência como coordenadora da equipe de teclado e professora formadora de 2010-2011. Edilson Schultz relata sua experiência como tutor no polo de Porto Velho/RO num recorte referente ao desenvolvimento do programa “45 Por Dia - Uma ideia para Estudos no Polo”. Por fim, Leandro Libardi Serafim e Helena de Souza Nunes contam sobre o uso dos materiais didáticos do *Ebook* no curso Licenciatura em Música da UFRGS na modalidade presencial em “Transferência a Outro Contexto”. Originalmente redigidos em primeira pessoa, os textos que se seguem foram aqui reconfigurados, com vistas a facilitar o leitor a compreensão dos diferentes focos do tema. Comuns a todos os relatos encontramos os desafios de uma nova modalidade de ensino, suas implicações ideológicas, pedagógicas, metodológicas e sociais, as quais muitas vezes trouxeram questionamentos sobre o paradigma tradicional do ensino instrumental, bem como estimularam nossa criatividade na elaboração de novos materiais didáticos e novas metodologias de ensino-aprendizagem.

Interessante é perceber aqui um esforço coletivo no sentido da construção de um texto único, fluente e compreensível para esse leitor. Entendemos que o todo é mais do que a soma de suas partes, mas construir esse todo em autoria coletiva foi um grande desafio. No caso, vivido e em grande parte já superado no cotidiano da construção do *Ebook* e suas unidades de estudo correspondentes; mas ainda maior no momento em que foi preciso se refletir sobre tal processo. Admite-se ainda não termos chegado a uma condição ideal. Em parte, porque as substituições internas entre os integrantes da equipe foram muitas; em parte porque a grande equipe tem uma história de pequenas equipes, cada uma vivendo em momentos bem distintos do processo geral. Todavia, quisemos contemplar todos os ladrilhos, mesmo sem ainda termos conseguido

visualizar o mosaico completo; e o cimento foi dado por atos generosos: (1) produzir um texto pessoal e permitir que seja tomado como de autoria genérica; (2) relatar uma experiência particular e permitir que seja tomada como tema de reflexão alheia; e (3) aceitar a ideia de contemplar individualidades na constituição de um coletivo e ainda esforçar-se para fazer parte dele, depois. Assim, tanto quanto de ensino de Teclado e de Música, estamos falando aqui também no surgimento de um novo modo de ensinar e aprender, proporcionado por esta experiência musical em EAD.

Os Primeiros Tempos

No início de 2007, Fátima Weber Rosas foi convidada pela professora Helena de Souza Nunes para integrar a equipe que estava pesquisando, organizando e ampliando o *website* do *Ebook* Teclado Acompanhamento, o qual na época era um dos produtos do CAEF utilizados em cursos de formação continuada de professores da Educação Básica. Desta equipe faziam parte a referida professora, como coordenadora, as professoras Cristina Owtake e Ana Margarida Camargo, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e o bolsista Maikel Gomes da Luz, já que a pianista Daiane Raatz dos Santos passou a integrar a equipe ainda naquele ano. Com a implementação do PROLICENMUS, primeiro projeto de curso de Licenciatura em Música a distância do Brasil, aprovado pelo MEC em 2006, todo o material educacional digital que existia no *Ebook* passou por reformulações, adequações e produções de peças inéditas para ser utilizado no curso que se iniciava. Era a origem do que viria a ser, no conceito proposto por Behar (2009), o objeto de aprendizagem em forma de página *web*³⁵, intitulado *Ebook* Teclado Acompanhamento³⁶, que serviu de apoio didático e pedagógico na interdisciplina *Seminário Integrador – Teclado* do PROLICENMUS. Em 2008, Maurício Starosta Neto e Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos foram convidados a integrar a equipe com o objetivo de produzir de forma colaborativa o material didático para a interdisciplina.

A proposta do *Ebook* e sua utilização no curso EAD se diferenciava das de um curso tradicional de ensino de piano por diversos aspectos: (1) estruturar-se sobre o ensino coletivo; (2) priorizar a memória e incentivar a execução de ouvido; (3) ter como foco o uso do instrumento como colaborador, acompanhando a voz humana; e (4) ser ensinado a distância por meio de TICs. Mesmo

³⁵Segundo Behar (2009), objeto de aprendizagem é “[...] qualquer material digital, como por exemplo, textos, animação, vídeos, imagens, aplicações, páginas web de forma isolada ou em combinação, com fins educacionais” (BEHAR, 2009, p. 67).

³⁶ <http://caef.ufrgs.br/produtos/ebook_teclado> (CAEF, 2010)

assim, seria necessário incluir conceitos e procedimentos convencionais, como ensinar ao aluno iniciante uma base de leitura e técnica que permitisse a ele, no decorrer dos estudos, desenvolver sua autonomia no instrumento para, futuramente, em sala de aula, tocar, cantar e reger seus alunos. A estrutura e os conteúdos do *Ebook* Teclado Acompanhamento foram organizados em quinze blocos de conteúdo, seguindo uma ordem progressiva de dificuldade ao longo dos nove semestres do curso, devidamente listadas em uma tabela. Esta recebeu o nome de Quadro Sinóptico (QS), conforme Figura 10.5. De acordo com Rosas e Starosta (2009), o desenvolvimento do *Ebook* foi baseado no MAaV. Esses blocos de conteúdo, também chamados de Unidades de Estudo (UEs) do *Ebook*, são genéricos e baseados na complexidade crescente do repertório em si. O avanço com base nas condições do aluno é determinado por unidades de estudo propostas no Moodle, em passos semanais. Paulatinamente, os alunos vão se tornando mais musicais, desde a alfabetização musical até chegar a uma compreensão musical progressivamente mais abrangente e a uma melhoria na *performance* instrumental propriamente dita. Semelhantemente ao MAaV (NUNES; BORGES, 2009), os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos neste *Ebook* também partem de peças do repertório tradicional para teclado e de canções populares e folclóricas brasileiras, encontradas nas seções Repertório Técnico e Repertório Acompanhamento, respectivamente (ROSAS; STAROSTA, 2009, p. 02-03). Este método está proposto numa abordagem multimodal³⁷, cujo objetivo principal é musicalizar adultos através da voz com acompanhamento instrumental, no caso teclado.

Ao final do primeiro semestre de 2009, o QS completo do *Ebook* apresentava quinze colunas, contendo as quinze unidades de conteúdo por dificuldade técnica crescente. Suas linhas apresentavam a seguinte configuração: (1) Peça da Unidade: peças inéditas compostas pelos tutores e professores da equipe, contendo os principais conteúdos tratados na unidade de estudo em questão. Essas peças, integrantes do OA atual, foram inicialmente concebidas com função ilustrativa, não necessitando serem executadas. (2) Repertório Acompanhamento: canções, cujo objetivo é desenvolver habilidades voltadas ao acompanhamento vocal executado ao teclado. Deste repertório, fazem parte canções inéditas compostas pela equipe e arranjos de canções da MPB e do repertório universal. (3) Repertório Técnico: peças instrumentais, cujo objetivo é desenvolver habilidades técnicas. (4) Conteúdo da Musicalização: esta linha do QS contém uma lista dos conteúdos tratados no MAaV, os quais, na medida do possível, se articulavam de forma paralela ao conteúdo abordado no *Ebook*. (5) Conteúdo

³⁷Segundo Nunes (2005b) a abordagem multimodal “[...] propõe uma musicalização que integra sentidos, memória, compreensão, emoção e criatividade simultaneamente elaborados dentro do repertório e da técnica [...]” (NUNES, 2005b, p. 16).

Quadro Sinóptico Teclado	Unidade I	Unidade II
Peça da unidade	Três Lá, Três Cá (Pedro Dias)	Legatti X Stacatti (Leonardo Assis Nunes)
Repertório acompanhamento	<ul style="list-style-type: none"> - Pássaros (Maikel Gomes da Luz); - Garibaldi foi à missa; - Andando (Maikel Gomes a Luz; - Marcha Soldado; - O Cravo e a Rosa; - Pequenino; 	<ul style="list-style-type: none"> - Frutas (Maikel Gomes da Luz); - Tocam os Sinos (Fátima Weber Rosas); - Dona nobis pacem; - Coração (Maikel Gomes da Luz); - Peixe Vivo
Repertório técnico	<ul style="list-style-type: none"> - Cobras (Ana Margarida Camargo); - Passo a passo em teclas brancas (Ana Margarida Camargo); - Passo a Passo em Teclas Pretas (Ana Margarida Camargo); - Estudos 01 a 17 	<ul style="list-style-type: none"> - Marcha (D. G. Türk); - Escalas Diatônicas; - Estudo 18
Conteúdo da Musicalização (MAaV)	<ul style="list-style-type: none"> - Graus 1-2-3(M) - Bigrama - Guião - Movimentos melódicos - Escala Maior - Transporte - Pulsação - Andamento - Unidade de tempo - Figuras e pausas - Proporção dos valores - Canto a cappella - Mudança de acorde (2 acordes). 	<ul style="list-style-type: none"> - Graus 1-2-3 e 1-3(M); - Sinais de alteração; - Intervalo de terça; - Notação de unidades de tempo [simples e compostas]; - Sons e silêncios; - Cabeça do tempo x contratempo; - Identificação gráfica de vozes ; Mudança de acorde (3 acordes).
Conteúdo Técnico	<p>Pré-leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Postura; - Localização das notas no teclado; - Mãos alternadas – 5 dedos para 5 notas (posições fixas) - Cluster; - Dedilhado; <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teclas brancas; - Teclas pretas; - Mãos alternadas; - Exploração dos recursos do teclado 	<ul style="list-style-type: none"> - 5 dedos para 5 notas (posições fixas); - staccato (diferentes articulações); - ligadura de expressão; - ligadura de prolongamento; - ligadura de expressão com notas repetidas - teclas brancas
Harmonia	Noção Tônica (repouso) x Dominante (aproximação)	I – V7 - I i – V7 – i Cadência Perfeita
Foco	Primeiros contatos com o Teclado	Relação tensão x repouso Resolução do Tritono
Padrões de acompanhamento	Padrão I-V7-I Ternário	Padrão I-V7-I Binário Marcha

Figura 10.5: Quadro Sinóptico das duas primeiras Unidades de Estudo do *Ebook* Teclado Acompanhamento

Técnico: listagem dos conteúdos voltados ao desenvolvimento da técnica instrumental, com função de orientar a escolha das peças instrumentais do item Repertório Técnico. (6) Harmonia: lista das progressões harmônicas tratadas nas unidades e que permanece no *website*, passando por ampliações até o final do curso. (7) Foco: de acordo com o QS do MAaV, aqui aparecem listados os conteúdos essenciais de cada determinado conjunto de conteúdos. Este não se encontra no OA, mas na Unidade de Estudos do Moodle, a qual varia para cada turma. (8) Padrões de Acompanhamento: seleção dos principais ritmos e gêneros internacionais e brasileiros para serem executados ao teclado. E (9) Protocolos: inicialmente pequenos textos explicativos, posteriormente também vídeos linkados junto às partituras que fazem parte do repertório técnico e de acompanhamento do OA *Ebook* Teclado.

Observa-se que as linhas e colunas do QS correspondem às seções do *Ebook* Teclado Acompanhamento, as quais se encontram na forma de abas na interface visual do objeto, conforme Figura 10.6. O pareamento entre elas ocorre do seguinte modo: Repertório Acompanhamento, Repertório Técnico, Harmonia e Padrões de Acompanhamento são identificados pelos mesmos nomes; já os tópicos Conteúdo da Musicalização e Foco, existentes no QS, são transferidos para o *Ebook* sob o nome Análise da Peça.

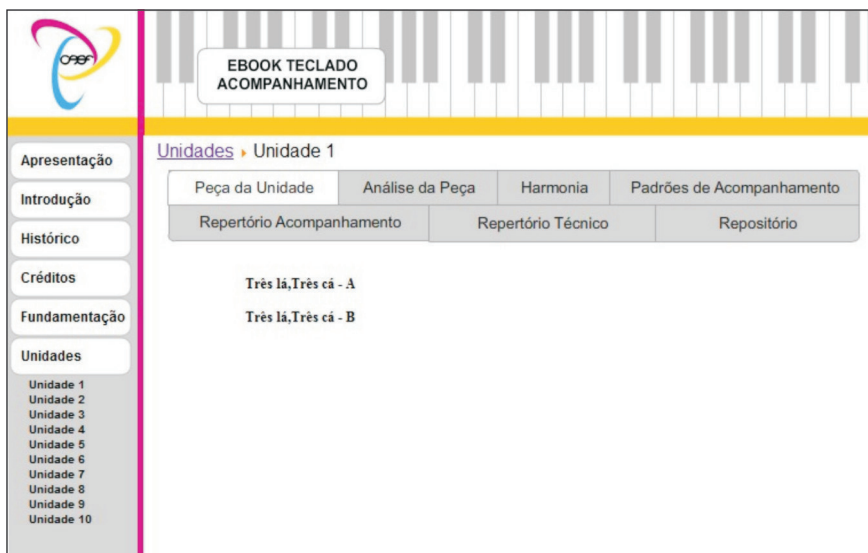


Figura 10.6: Tela da Unidade de Estudos 01 do OA *Ebook* Teclado Acompanhamento

O QS do *Ebook* foi compartilhado no GoogleDocs³⁸, permitindo que tutores e professores não somente do CAEF da UFRGS, mas também das Universidades Parceiras do PROLICENMUS, passassem a colaborar para o seu desenvolvimento. A ideia inicial do QS era apresentar o conteúdo programático de Teclado dividido em quinze unidades de estudo, de tal maneira que essas pudessem ser acessadas pelos alunos em ordem sequencial ou não durante os nove semestres do curso. Inicialmente, havia-se imaginado, que o aluno pudesse navegar pelo *Ebook* e avançar, de forma autônoma, em seu aprendizado. Logo foi verificada a impossibilidade disso, e o *Ebook* passou a ter uma função prioritária de repositório. O passo a passo do processo de ensino-aprendizagem acabou sendo conduzido por outras unidades de estudo, disponibilizadas no Moodle, como veremos a seguir.

³⁸ <<http://www.docs.google.com>>

A Origem das Unidades de Estudo Semanais

Conforme apontam Rosas e Starosta (2009) apenas o OA *Ebook* Teclado Acompanhamento não foi suficiente para orientar os estudos dos alunos a distância. Devido à quantidade de informação, percebeu-se a necessidade de aplicar uma pedagogia um pouco mais diretiva. Para isso foram desenvolvidas unidades de estudo semanais junto ao ambiente virtual de aprendizagem (AVA) *Moodle*. Dessa forma, cada semestre da interdisciplina *Seminário Integrador – Teclado* foi organizado com seus conteúdos distribuídos em outras quinze unidades de estudo, estas sim em ordem progressiva de dificuldade, seguindo os conteúdos previstos no QS do *Ebook*. Segundo esses autores, a redação das unidades de estudo semanais partia da equipe da universidade, sendo posteriormente compartilhada no *Google Docs* para que os demais tutores realizassem as revisões e sugestões. O objetivo dessas unidades era orientar o estudo diário dos alunos, organizados em dozes semanais, interagindo através de *links* com o OA *Ebook* Teclado Acompanhamento, redimensionado, a partir deste novo enfoque, como material de apoio.

No entanto, muitas foram as dificuldades iniciais. Por exemplo, as quinze primeiras unidades de estudo semanais tiveram que ser reformuladas devido à falta dos instrumentos nos polos; somente no segundo semestre de 2008 foi possível propor atividades de execução ao teclado. Outra dificuldade encontrada foi preparar material para um corpo discente heterogêneo, que compreendia desde alunos iniciantes, que tocavam e/ou cantavam por imitação em bandas, igrejas, corais ou então que não tinham participado de nenhuma atividade musical até o momento, até alunos formados em cursos superiores de Bacharelado em Piano ou em outros instrumentos. Para atender a esse público tão eclético, as unidades de estudo durante o segundo semestre de 2008 apresentavam pautas com duas linhas, intituladas de Bigrama, seguidas do Pentagrama tradicional com uma linha de acompanhamento, conforme Figura 10.7. Dessa forma, os alunos poderiam estudar em duplas ou em grupos nos polos, onde os mais avançados poderiam tocar a linha de baixo em clave de fá, e os iniciantes o exercício no Bigrama, o qual trazia pequenas melodias nas teclas pretas ou brancas e depois em ambas. Um dos objetivos do uso do Bigrama, conforme Nunes (2005a), é desenvolver a habilidade de leitura de partitura de forma progressiva. As unidades de estudo semanais do segundo semestre de 2008 também foram baseadas no método *Adult Piano Method – Lessons, Solos, Technique and Theory – Book 1 & 2* (KERN; KEVEREN; KREADER, 1996a; KERN; KEVEREN; KREADER, 1996b; KERN; KEVEREN; KREADER, 2005), cujas atividades propostas passaram por adaptações e adequações ao público-alvo específico do PROLICENMUS.

Figura 10.7: Bigrama na linha superior e Pentagrama na linha inferior

Os materiais didáticos integrantes do OA *Ebook* Teclado Acompanhamento, tais como vídeos, peças instrumentais, canções, partituras, animações, áudios e textos são comumente conhecidos como materiais educacionais digitais (MEDs) ³⁹ na Educação a Distância (EAD). A diversidade desses materiais, considerada de suma importância na EAD ⁴⁰, requer uma equipe interdisciplinar para a sua produção ⁴¹. A ampliação do *Ebook* ocorreu ao longo dos oito

³⁹Behar (2009), referindo-se à EAD, afirma: “No contexto educacional brasileiro, a produção de materiais educacionais digitais em forma de objetos de aprendizagem tem sido uma boa opção para a apresentação de conceitos e conteúdos de forma mais dinâmica e interativa.” (BEHAR, 2009, p.66)

⁴⁰Segundo Franco (2012) “[...] o letramento midiático do século XXI deve integrar o conhecimento vindo de fontes múltiplas, como áudio, vídeo, base de dados on-line e outros meios [...]”. (FRANCO, 2012, p.120).

⁴¹No início do ano de 2009, de acordo com Rosas e Starosta (2009): “Fazem parte da equipe desenvolvedora do site do *Ebook* Teclado: Helena de Souza Nunes (Professora Formadora); Fátima Weber Rosas (Tutora na Universidade e MMD); Maurício Starosta Neto (Tutor Mediador, Pianista e MMD), Cláudia Ferreira dos Santos (Tutora Mediadora), Leandro Spencer Chaves (MMD responsável pela gravação e edição dos áudios e vídeos), Sabrina Spritzer (Web Designer), Rodrigo Schramm (Programador), Lucas Moura (Técnico em informática), Leonardo Assis Nunes (Compositor, Tutor do Polo de Itaiópolis-SC), Pedro Dias (Compositor, Professor da UFBA) e Jaqueline

semestres da interdisciplina Seminário Integrador – Teclado do curso. O conteúdo atual desse OA é fruto do trabalho de todas as equipes que participaram desse processo, como nos mostram os relatos que seguem neste capítulo.

A Construção de um Cotidiano para a Equipe

A equipe da interdisciplina Seminário Integrador Teclado passou por várias modificações durante o PROLICENMUS. Durante esse percurso, foi preciso construir e reconstruir o cotidiano de trabalho várias vezes, para nos adaptarmos às diversas mudanças, as quais incluíram não somente trocas e/ou a entrada de novos integrantes na equipe, trazendo consigo novas ideias e propostas de atividades, mas também por demandas geradas pela interação com os alunos. Cláudia dos Santos, cuja história pessoal é aqui narrada como um exemplo de fatos ocorridos, ingressou no projeto ao final do segundo semestre de 2008, integrando a equipe da interdisciplina Seminário Integrador Teclado. Nessa época, a coordenação estava a cargo de Helena de Souza Nunes, e os demais integrantes eram os tutores Fátima Weber Rosas e Maurício Starosta, que auxiliava nas gravações de vídeos para o *Ebook* e na correção dos vídeos enviados pelos alunos.

Como tutora-auxiliar, sua primeira função na equipe foi pesquisar na Internet links sobre os assuntos das unidades de estudo, a fim de inseri-los como Materiais de Apoio. Com o surgimento de novos desafios, a divisão de trabalho foi ficando mais complexa, demandando uma reformulação da rotina de trabalho. Sendo assim, passou a colaborar nas tarefas de elaboração de material didático, elaboração de arranjos de canções acompanhadas, digitalização de partituras, gravação de vídeos para o *Ebook*, finalização de materiais de apoio didático, colaboração na autoria das unidades de estudo e elaboração de questionários para as avaliações N1⁴². Tais tarefas se somaram à atuação na mediação entre professor – tutores da sede – tutores dos polos – alunos utilizando ferramentas assíncronas, como *e-mail* e postagens em fóruns, e síncronas, como o MSN. Ela participou no processo de avaliação, corrigindo os vídeos en-

Leite (Tutora Musicista do Polo de Salvador-BA)”. (ROSAS; STAROSTA, 2009, p. 03). Em 2010-2011, a equipe foi composta por: Catarina Leite Domenici (Professora Formadora), Cláudia Ferreira dos Santos (Tutora na Universidade e MMD); Maurício Starosta Neto (Tutor Mediador, Pianista e MMD), Leandro Serafim (Tutor Mediador), Renan Stoll (bolsista), Leandro Spencer Chaves, Lucas Moura, Luana Zapata e Pedro Matzenbacher (MMD responsáveis pela gravação, edição e postagem dos arquivos de áudio e vídeo). A equipe também contou com a colaboração de Jaqueline Leite em 2011/2-2012/1.

⁴²Para maiores detalhes do sistema de avaliação do PROLICENMUS, vide capítulo Avaliação como Elemento Formativo no Eixo Execução Musical, seção *Recorte Narrativo e Analítico*.

viados pelos tutores dos polos e enviando *feedback* aos alunos, seguindo fichas construídas sob supervisão docente.

Os encontros entre a equipe aconteciam diariamente por meio virtual e no máximo duas vezes por semana presencialmente. Para a construção das unidades de estudo foi utilizada a ferramenta *Google Docs*, onde cada integrante colaborava com partes de texto, ficando a revisão final a cargo da professora responsável pela interdisciplina. A partir do semestre 2009/1, a avaliação N2 dos alunos consistiu na escolha de um dos pontos de prova disponibilizados nessas unidades de estudo. Cada ponto continha peças do repertório trabalhado no semestre, distribuídas por níveis de dificuldades. Os alunos escolhiam um dos grupos de repertório e executavam as peças correspondentes, que eram gravadas em vídeo pelos tutores nos polos, sendo enviados à UFRGS em forma de CD ou DVD e posteriormente postados no servidor. Os tutores na sede assistiam aos vídeos e, com base em uma ficha de avaliação definida pela professora responsável, elaboravam pareceres que, após revisão docente, eram enviados os tutores de polo e estes os entregavam presencialmente a cada um dos alunos. Em caso de dúvida, os tutores de polo eram orientados a contactar os tutores da sede ou a professora da interdisciplina, conforme o caso. No segundo semestre de 2009, a saída da tutora Fátima Weber Rosas da equipe forçou uma reorganização do cotidiano, redistribuindo entre os membros da equipe as tarefas que eram realizadas por ela, tais como seleção de repertório e elaboração, finalização e entrega para postagem no Moodle das unidades de estudo. Nesse semestre, a tutora da interdisciplina Musicalização, Suelena de Araújo Borges, passou a colaborar na elaboração das unidades de estudo, o que trouxe uma aproximação entre essas duas interdisciplinas.

No primeiro semestre de 2010, Catarina Leite Domenici assumiu a coordenação da equipe, atuando também como professora responsável pela interdisciplina. Em 2010/1, a equipe foi integrada pelos tutores Leandro Serafim e pelo bolsista Renan Stoll, e no segundo semestre o tutor Maurício Starosta reassumiu as suas funções. Com a mudança na coordenação e na equipe, ocorreu uma nova redistribuição das tarefas. A nova coordenadora da equipe assumiu a tarefa de gravar os vídeos para as videoaulas, selecionar o repertório, fazer arranjos e composições, e redesenhar o conteúdo das unidades de estudo, acrescentando novas seções. Junto com a nova equipe, novas visões e abordagens, sempre norteadas pelo QS, foram acrescentadas às propostas de atividades, como a elaboração de arranjos de peças para vários teclados, a reestruturação do semestre com a diminuição do número de peças a serem executadas e a disponibilização de um número maior de videoaulas, aproximando o contato entre alunos – tutores – professora. Além disso, a partir do início daquele ano, todas

as equipes do PROLICENMUS passaram a trabalhar diariamente na sede, o que facilitou em muito a integração, tanto entre integrantes da mesma equipe, quanto entre as várias equipes das interdisciplinas. Em 2010/2, o cotidiano foi mais uma vez modificado em função da mudança no sistema de avaliação dos alunos, que passou a consistir da realização de quatro gravações no semestre. A partir desse momento, cada gravação avaliada implicava o envio de um parecer descritivo sobre o desenvolvimento de cada aluno, elaborado a partir da criação de um quadro de critérios construído pela professora responsável e ainda mais minucioso que o anterior. Os alunos tiveram a oportunidade de acompanhar seu progresso mais de perto, ampliando a visão sobre suas dificuldades e/ou facilidades musicais e instrumentais.

Em 2011, o quadro de tutores desta interdisciplina sofreu nova modificação, ficando mais uma vez apenas os tutores Maurício Starosta e Cláudia dos Santos, sob coordenação de Catarina Leite Domenici. As tarefas continuaram a ser desenvolvidas analogamente ao semestre anterior; porém, a visão em relação aos alunos estava mais ampliada em função de acompanhá-los mais de perto através do sistema de avaliação continuada e nas participações em fóruns. A partir desse momento, já inteirados com a nova proposta e com a equipe mais estável, finalmente foi possível manter uma rotina regular no cotidiano de trabalho. Em 2011/2, último semestre em que a disciplina foi oferecida, a equipe passou a contar também com Jaqueline Leite, professora da UFBA, para a colaboração das unidades de estudo e para a correção dos vídeos de avaliação dos alunos. Nesse semestre, também ocorreu uma mudança na abordagem dos conteúdos das unidades de estudo com o objetivo de solidificar os conteúdos estudados até o momento, qual seja a introdução de exercícios para criação de arranjos de microcanções. Além disso, 2011/2 também foi dedicado à preparação do Recital de Formatura dos alunos. O número de gravações dos alunos passou a ser três no semestre, e apenas a gravação final foi computada para fins de conceito. Segundo declaração da tutora Cláudia dos Santos:

Durante todo o percurso, sempre procuramos formas de otimizar o trabalho através da construção de rotinas, que pudessem nos ajudar na organização das tarefas, buscando sempre a proximidade com os alunos e tutores nos polos. A experiência que adquiri trabalhando com as diferentes equipes e abordagens distintas fez com que esta construção de cotidianos se refletisse positivamente no meu desenvolvimento pessoal e na construção do meu próprio conhecimento.

Desafios, Reflexões e Propostas

Em outubro de 2010, Helena de Souza Nunes fez um convite a Catarina Leite Domenici para conhecer o curso de Licenciatura em Música a distância. Recém chegada de uma temporada de quatro anos nos Estados Unidos, ela não conhecia o trabalho que estava sendo desenvolvido pelo PROLICENMUS. A proposta do curso a encantou, devido à sua relevância em um momento em que a música retornava aos currículos escolares. Os desafios do curso pareciam ser enormes, visto que se tratava de uma iniciativa pioneira, assim como a vontade, a competência, a coragem e a garra de toda a equipe de fazer um trabalho de qualidade inquestionável. Assim, ela foi apresentada ao material didático na plataforma Moodle, visitou o polo de Cachoeirinha/RS para ter contato direto com parte do corpo discente, corrigiu as avaliações de final de semestre e participou de seu primeiro SIP, onde teve a oportunidade de conhecer outros colegas e os tutores de todo o Brasil. Através desses contatos preliminares foi possível se familiarizar com a dinâmica de trabalho e avaliar de que forma poderia somar-se ao trabalho desenvolvido pelas equipes anteriores, dando sua contribuição com base na sua atuação de mais de vinte anos como *performer* e educadora em diversas instituições de ensino de música no Brasil e nos Estados Unidos, e em sua formação e experiência na tradição da música de concerto, na música popular e no *jazz*.

A primeira questão com a qual se defrontou foi obviamente como ensinar a tocar um instrumento à distância? Toda aprendizagem instrumental, seja na tradição da música de concerto ou na tradição oral, se baseia fortemente na imitação de modelos. Por outro lado, tocar um instrumento, do iniciante ao virtuoso, é uma atividade que demanda a integração dos domínios físico, cognitivo e afetivo. Se a imitação de modelos é fundamental à aprendizagem instrumental, a integração desses domínios deve ocorrer de forma consciente e deliberada, especialmente se a educação almeja fomentar a construção da autonomia intelectual e artística do aluno. Mais ainda: para que tal autonomia seja construída, é fundamental que o ensino instrumental fomente a integração entre a prática e a teoria, pois não é importante apenas saber tocar um instrumento, mas, sim, saber música. De outra forma, correríamos o risco de formar profissionais que são instrumentistas habilidosos, porém músicos incompetentes por não estarem aptos a manipular criativamente a linguagem musical.

A segunda questão dizia respeito aos sistemas de crenças e valores sobre a aprendizagem musical e, em especial, à aprendizagem instrumental. Em várias ocasiões os alunos manifestaram a crença no dom musical nato. Eles acreditavam que algumas pessoas “já nasciam sabendo tocar” e outras não; ou que

algumas pessoas tinham “facilidade” e outras simplesmente não conseguiam aprender música. Em se tratando de um curso que se destina a formar professores de música, tais crenças não apenas não encontram uma sustentação lógica (afinal, se música não se aprende como é então que você vai querer ensiná-la?), como representam um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento do aluno (se ele acha que não tem “o dom”, tenderá a encarar qualquer tarefa com dificuldade e descrença em si mesmo). Nesse ponto, a grande heterogeneidade do corpo discente pareceu tornar essas visões ainda mais aguçadas, como se a experiência prévia em música de alguns alunos quando confrontada com o “marco zero” de outros corroborasse tais crenças.

A terceira questão sintetizava as duas primeiras: como elaborar um material didático e uma metodologia de ensino, que contemplasse os vários níveis de habilidades e competências musicais/instrumentais, e que ao mesmo tempo fomentasse a integração entre a prática e a teoria musical, entre os aspectos mecânicos e expressivos, e sobretudo, que desmistificasse o processo de aprendizagem instrumental? Devido a questões como essas, foram implementadas as seguintes propostas, ampliando a metodologia já existente através da criação dos três últimos itens e aprofundando os dois primeiros aspectos: (1) estreitamento da relação entre teoria e prática através da abordagem integrada entre os conteúdos das unidades de estudo e as peças estudadas no semestre, incluindo a composição de peças didáticas visando uma maior integração entre conhecimentos teóricos e práticos; (2) elaboração de arranjos para vários teclados, contemplando diferentes níveis de habilidades/competências; (3) criação de vídeos aulas com protocolos de ensino/aprendizagem passo-a-passo para as peças e arranjos, incluindo a elaboração de exercícios preparatórios; (4) proposta de atividades de leitura à primeira vista e harmonização de melodias, incluindo a elaboração de um protocolo de leitura à primeira vista; e (5) criação de um sistema de avaliação continuado e de critérios de avaliação.

Seguindo o quadro sinóptico da interdisciplina elaborado pela primeira equipe de teclado, o repertório selecionado para as unidades de estudo sempre buscou contemplar a pluralidade de gêneros e estilos, misturando canções da música popular brasileira ao repertório da música ocidental de concerto. Em algumas ocasiões foram compostas peças didáticas com o objetivo específico de trabalhar algum aspecto técnico e musical, como o *Tema e Variações* de autoria de Catarina Leite Domenici. De acordo com o QS, o aspecto técnico a ser abordado na Unidade 07⁴³ era o intervalo de oitava. Nessa peça, esse intervalo

⁴³A Unidade 07 do *Ebook* correspondeu às UE_61 até UE_75 no Moodle, desenvolvidas no semestre 2010/1, as quais podem ser acessadas em <<https://moodleinstitucional.ufrgs.br/login/index.php>>. As partituras das composições e arranjos, bem como os vídeos podem ser acessados no *Ebook*, em <http://caef.ufrgs.br/produtos/ebook_teclado/>

é abordado no *Tema*, e nas *Variações I e II* optou-se por abordá-lo no contexto de acordes de quatro sons, buscando integrar os seguintes aspectos: (1) espacial/físico, trabalhando o tamanho do intervalo de oitava no teclado e na mão do aluno; (2) harmônico/teórico, exercitando acordes de quatro sons em posição fundamental, primeira e segunda inversões; e (3) expressivos, abrangendo articulação (*stacatto* no *Tema*, *legato* na *Variação I* e uma combinação dos dois na *Variação II*), acentos (*marcato* na *Variação II*), dinâmicas e indicações de tempo e caráter.

Buscou-se ainda explorar a subdivisão do pulso de semínima em duas partes (colcheias, no *Tema*), em três partes (tercinas de colcheia, na *Variação I*) e em quatro partes (semicolcheias, na *Variação II*). Foram também elaborados exercícios preparatórios para as *Variações*, visando a um só tempo preparar o aluno tecnicamente e dar subsídios para a compreensão dos materiais utilizados (o intervalo de oitava e os acordes de quatro sons em suas várias configurações - posição fundamental e inversões), bem como dos aspectos musicais (a relação entre a frase musical, progressão harmônica e expressão).

UE_61 **Tema** Catarina Domenici

Scherzo (Vivace e leggiero) ♩ = 138

Piano

Figura 10.8: *Tema*, compassos 1-7

UE_62 **Exercício Preparatório para Variação I** Catarina Domenici

♩ = 72

Piano

Figura 10.9: Exercício Preparatório para a Variação I, compassos 1-7

UE_63

Variação I

Catarina Domenici

Piano

dolce e legato *mp*

♩ = 72

Figura 10.10: Variação I, compassos 1-5

UE_70

Preparatório II para Variação II

Catarina Domenici

Piano

f

Figura 10.11: Exercício Preparatório II para a Variação II, compassos 1-7

Variação II

"Gauchita"

Catarina Domenici

Piano

f

Figura 10.12: Variação II, compassos 1-5

A aprendizagem do *Tema e Variações*, ilustrada pelas Figuras 10.8, 10.9, 10.10, 10.11 e 10.12, se deu ao longo do semestre 2010/1, sendo articulada à

aprendizagem de outras peças e atividades abordadas no semestre tanto do ponto de vista técnico quanto musical⁴⁴. Para tanto, o texto das unidades de estudo foi elaborado de forma a apresentar o conteúdo teórico no contexto das várias peças, além de oferecer uma série de protocolos de aprendizagem passo-a-passo em forma de videoaulas e texto explicativo. Nesse sentido, criou-se nas unidades de estudo a seção denominada *O Pulo do Gato*, com o objetivo de antecipar eventuais dificuldades motoras na aprendizagem e oferecer possíveis soluções. Como extensão dessa seção, que contempla o estudo individualizado, também foi criada uma seção com sugestões de atividades para serem realizadas coletivamente nos polos, cujos objetivos visavam a resolução de problemas rítmicos, de coordenação motora grossa e de leitura, entre outros, além de fomentar a aprendizagem entre pares. Cabe salientar que a grande maioria das peças estudadas no semestre foram sempre precedidas de exercícios preparatórios. Os vídeos cumpriram duas finalidades: (1) servir como um modelo para a *performance*, de forma análoga à aprendizagem por imitação do paradigma tradicional de ensino instrumental; e (2) demonstrar protocolos de aprendizagem passo-a-passo. Além dessas medidas, também foi implementado um fórum moderador para a interdisciplina, no qual os alunos eram encorajados a postar suas dúvidas, as quais eram respondidas pela professora responsável, diariamente.

Ao final do semestre, foi aplicado um questionário como forma de avaliar a eficácia das propostas implementadas em 2010/1. Através das respostas dos alunos, foi possível verificar que a introdução dos protocolos de aprendizagem passo-a-passo em videoaulas e texto auxiliou em muito o estudo: de um total de 150 alunos respondentes, 89% respondeu que os protocolos assim reestruturados auxiliaram o estudo. A motivação parece também ter evoluído ao longo do semestre, já que 60% dos alunos declarou estar mais motivado para estudar teclado e para 53% dos alunos, a interdisciplina Seminário Integrador – Teclado estava mais fácil que em semestres anteriores. Diante desses resultados, as novas propostas aqui descritas foram incorporadas também em semestres subsequentes. O desenvolvimento da leitura à primeira vista foi feito mediante a execução de arranjos para vários teclados, cujas partes contemplavam níveis distintos de habilidades. Ao longo do ano de 2010, verificou-se através das avaliações e dos SIPs que a principal dificuldade de leitura dos alunos residia na falta de fluência e na dificuldade de compreender e executar o ritmo. A partir da UE_91, a primeira do semestre 2011/1, introduziu-se em cada unidade de

⁴⁴As peças abordadas no semestre foram: a *Sonatina*, de Hazel Cobb, o *Estudo de Arpejo*, de C. Czerny, os arranjos de *Aquarela*, de Toquinho, do *Xote das Meninas*, de Luís Gonzaga, e das canções *Fico Assim sem Você*, de Adriana Calcanhoto, e *Brincando de Pega-Pega*, de Fátima Weber Rosas. Como atividade de leitura à primeira vista e prática de conjunto foi elaborado, por Catarina Leite Domenici, um arranjo para cinco teclados da *Ave Maria*, de Bach-Gounod, contemplando cinco níveis distintos de habilidade instrumental. Além disso, foi proposta a atividade de harmonização das melodias folclóricas *Sambalelê* e *O Cravo brigou com a Rosa*.

- 1 - identifique a fórmula de compasso e estabeleça um pulso constante dentro da métrica da peça através de um movimento corporal, que pode ser tanto um padrão de regência, quanto o próprio balançar do corpo;
 - 2 - execute o ritmo da peça mantendo o movimento corporal e o pulso constante;
 - 3 - examine as alturas: qual a tonalidade? qual a extensão da melodia (a nota mais grave e a mais aguda)?
 - 4 - mantendo o movimento corporal e o pulso constante, solfeje a melodia (atenção: o solfejo deve ser cantado e não rezado!)
 - 5 - tome um momento para localizar as alturas no teclado e observar o dedilhado necessário para a execução da peça;
 - 6 - mantendo o movimento corporal e o pulso constante, execute a leitura ao teclado sem parar para corrigir erros, buscando olhar sempre a próxima nota;
 - 7 - após a execução, observe os locais que você teve dúvidas com os ritmos e/ou alturas buscando corrigir mentalmente as dúvidas e os erros;
 - 8 - realize a leitura mais uma vez e observe se os erros e as dúvidas foram sanadas.
-
-

Tabela 10.2: UE_91 - Protocolo de leitura à primeira vista

estudo pequenas leituras para serem realizadas ao longo da semana, além de um protocolo de leitura enfatizando a consciência de um pulso constante como subsídio para a realização fluente da leitura, principalmente no que concerne o ritmo, conforme se lê na Tabela 10.2.

A experiência de corrigir as gravações de final de semestre levou a professora responsável a refletir sobre os critérios de avaliação como forma de fomentar o desenvolvimento e a consolidação de habilidades e competências fundamentais para o egresso, quais sejam: (1) fluência; (2) postura, dedilhado, coordenação motora; (3) coordenação voz/acompanhamento; (4) manutenção do centro tonal da canção; (5) expressão, incluindo fraseado, dinâmicas, articulação. Cada uma dessas competências possui cinco níveis de proficiência, devidamente detalhados na UE_91. A explanação sobre os critérios de avaliação cumpriu a função de dar ciência ao aluno, do que era esperado do seu desempenho na interdisciplina, auxiliando-o a estabelecer objetivos claros na sua prática diária. Com vistas a dar um acompanhamento maior ao aluno ao longo do semestre e assisti-lo no seu desenvolvimento, foi elaborado um sistema de avaliação continuado que compreendia três gravações durante o semestre (uma a cada cinco semanas), além da avaliação final da interdisciplina. As gravações

ao longo semestre cumpriam o objetivo de avaliar o desenvolvimento das habilidades musicais e instrumentais; já o objetivo da gravação final era avaliar o nível de competência atingido ao final do semestre em comparação com o perfil do egresso. Dessa forma, esse sistema de avaliação pretendeu analisar tanto o processo de aprendizagem quanto o produto desse processo.

Pretendeu também mapear o desenvolvimento do aluno em relação ao seu próprio percurso e em relação aos níveis de competência musical e instrumental de um educador musical, previamente estabelecidos no PPC. Para tanto, cada avaliação era acompanhada de um parecer que norteava ações futuras da prática individual e/ou coletiva, as quais possibilitavam ao aluno melhorar a sua *performance*. Um dos objetivos dos critérios e do sistema de avaliação era encorajar o futuro educador musical a tomar consciência do seu próprio processo de construção das habilidades e competências musicais. Afinal, como seria possível alguém ensinar música sem saber como aprendeu? Entre as frases “alguns já nascem sabendo música” e “eu faço assim porque o meu professor mandou” há um vasto campo de ação e exercício do pensamento crítico, fundação da autonomia intelectual e artística do indivíduo. Contudo, o desenvolvimento das habilidades instrumentais necessita de modelos para a *performance* musical, bem como de ferramentas concretas que auxiliem o aluno na construção da sua aprendizagem. Nesse sentido, as videoaulas se configuraram em uma valiosa metodologia de ensino a distância ao contemplar a dimensão prática que um texto não contempla. À guisa de conclusão, cabe mencionar palavras textuais de Catarina Leite Domenici:

[...] que minha atuação como coordenadora da equipe de teclado e professora formadora na interdisciplina propiciou um novo ângulo aos meus questionamentos de educadora ao me colocar frente a uma experiência única e inovadora, que demandou uma reflexão profunda sobre as noções de “talento” e “facilidade”. Dado o público-alvo do curso, educadores musicais atuantes no ensino básico, percebi que era necessária a desconstrução de tais noções, tanto para o desenvolvimento dos alunos na interdisciplina quanto para a sua atuação como educadores. Essa experiência contribuiu também para minha função no curso PROLICENMUS, qual seja, contribuir para o estabelecimento de diretrizes pedagógicas para o ensino do teclado a distância, somando ao trabalho já realizado pelas primeiras equipe da interdisciplina. Tal função implicou a elaboração de arranjos e composições, protocolos de leitura e aprendizagem, gravação de videoaulas e vídeos demonstrativos, definição de critérios e elaboração de um sistema de avaliação. A implementação das propostas aqui descritas não seria possível sem a valiosa e indispensável contribuição dos tutores Claudia Elisiane Ferreira

dos Santos e Mauricio Starosta, cujo comprometimento e familiaridade com o projeto do curso, anterior à minha entrada na equipe, foram cruciais tanto para a minha adaptação ao sistema de trabalho quanto para a preparação das unidades de estudo, editoração de partituras e correções das avaliações. O sucesso de propostas em EAD depende do empenho de vários agentes. Nessa complexa teia, o papel de cada um, com interesses e capacidades individuais que possua, em contato direto com os alunos e entre si, é fundamental, como nos mostram os relatos contidos neste livro.

45 Por Dia – Uma Ideia para Estudos no Polo

Os conteúdos da interdisciplina Seminário Integrador – Teclado são apresentados simultaneamente nas unidades de estudo e no *Ebook*, contemplando vários níveis de dificuldade musical e técnica e visando uma evolução gradual da aprendizagem instrumental. A interdisciplina prevê que o aluno dedique aproximadamente quatro horas semanais de estudo para a realização das atividades propostas. Esse tempo pode ser variável conforme as experiências anteriores e a velocidade de absorção dos conteúdos de cada aluno. Mesmo buscando desenvolver a autonomia dos alunos no estudo do instrumento, foi frequente os alunos do polo solicitarem um acompanhamento maior por parte do tutor. A necessidade de maior interação com o tutor presencial é apontada por Moore:

[...] o procedimento normal em uma abordagem sistêmica de educação a distância consiste em que, após os cursos serem criados e distribuídos por meio de tecnologia, os alunos sejam alocados pela organização de ensino a instrutores, muitas vezes, referidos como orientadores, que interagem com eles para proporcionar instrução individualizada com base nos materiais elaborados (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 17). O instrutor é especialmente valioso para responder à aplicação dos novos conhecimentos dos alunos. Seja o que for que os alunos autodirecionados podem realizar sozinhos quando interagem com conteúdos apresentados, eles são vulneráveis no momento da aplicação, pois não têm conhecimento suficiente da matéria para ter certeza de que a estão aplicando corretamente ou de modo tão intensivo ou extensivo quanto for possível ou desejável, ou que existem áreas potenciais de aplicação que não conhecem. (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 153).

Diante das necessidades dos alunos do polo de Porto Velho, o tutor Edilson Schultz decidiu experimentar um modelo específico de planejamento de estudos, elaborando os seguintes procedimentos: (1) organização e registro da

evolução dos alunos de teclado; (2) atividades em grupo realizadas semanalmente; e (3) programa diário de estudo do instrumento. Para o momento inicial do curso, seguindo orientação da metodologia proposta pelo PROLICENMUS, fora usada uma planilha simples (vide Figura 10.13) cuja formatação consistia de uma primeira coluna com o nome das atividades solicitadas nas unidades de estudo semanais - peças, estudos, escalas e encadeamentos - dispostas cronologicamente de cima para baixo. Nas colunas subsequentes, utilizava-se uma para cada aluno, cujos nomes estavam em ordem alfabética. Nas células designadas a cada aluno o tutor podia escrever as observações sobre as atividades desenvolvidas nos encontros coletivos semanais. Usava-se um asterisco para indicar que o aluno fez leitura, ou cantou, ou tocou o baixo, ou trabalhou o ritmo, ou qualquer atividade com aquela música ou aquele exercício no polo, mesmo que ele ainda não estivesse apto a tocá-los. Os demais indicativos eram: PA (próxima aula, equivalente à meta para uma semana seguinte) e OK (execução satisfatória, podendo-se registrar a data junto à avaliação). Outras observações também podiam ser colocadas na célula, como “melhorar, praticar mais, estudar” e etc. Observações maiores também podiam ser acrescentadas, usando a opção Inserir Comentário, clicando com o botão direito do *mouse* na célula desejada.

Essas mesmas orientações e anotações eram usadas na planilha individual do aluno, para seu controle pessoal. Ao final de cada encontro, era feito um *feedback*, informando ao aluno o que deveria praticar para a semana seguinte, como por exemplo: “A peça X está OK; o estudo Y precisa de mais prática; a escala Z já foi feita com mãos separadas, agora tente fazê-la com mãos juntas para a próxima semana”. Assim, cada aluno se tornava ciente dos objetivos a serem atingidos até o próximo encontro. Essa planilha teve um resultado mais satisfatório no início do curso, momento em que as atividades de Teclado eram menores e mais simples, requerendo menos tempo para serem preparadas. À medida que as dificuldades se acentuaram, a diferença dos níveis de habilidades e conhecimentos dos alunos acentuou-se pela falta do estudo. Nesse contexto, o trabalho em grupo buscava amenizar essas discrepâncias e fomentar o estudo diário.

Atendendo a essas necessidades, foram sugeridas formas de recuperar o atraso e de melhorar a organização dos estudos semanais. Além do que vinha sendo exigido desde o início do curso, por volta do quinto semestre, foi iniciado um processo de maior cobrança de rendimentos dos alunos. A proposta inicial compreendeu a divisão da turma em três grupos: (1) alunos que estavam atrasados nas atividades propostas nas unidades de estudo e que não tinham dedicação assídua e/ou experiência musical prévia; (2) alunos que estavam em

Ebook Teclado - Controle de atividades						
U.E.	Estudos/Peças/Canções - 2008/1	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 2
	Teclas Pretas (Cluster)	OK	OK	OK	OK	OK
16	Teclas Pretas (Dedilhado)	OK	OK	OK	OK	OK
	Teclas Brancas (Dó)	OK	OK	OK	OK	OK
	1 Cobras	OK	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 01	OK	OK	OK	OK	OK
17	ESTUDO 02	OK	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 03	OK	OK	OK	OK	OK
	2 ESTUDO 04	OK	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 04 (Variação)	PA	OK	OK	OK	OK
18	ESTUDO 05	PA	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 06	PA	OK	18.03.2010	OK	OK
	3 ESTUDO 07	PA	OK	PA	OK	OK
	ESTUDO 08	PA	OK	OK	OK	OK
19	ESTUDO 09	PA	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 10	PA	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 11	PA	OK	OK	OK	OK
4	ESTUDO 12	PA	OK	OK	OK	OK
	Stacatti x Legatti	PA	OK	PA	OK	OK
	ESTUDO 13	PA	OK	OK	OK	OK
20	ESTUDO 14	PA	OK	OK	OK	OK
	ESTUDO 15	PA	OK	OK	OK	OK
	5 ESTUDO 16	PA	OK			
	Andando	PA	PA			
	Prática de Tom e Semitom	praticar	OK			

Figura 10.13: Planilha de controle do programa 45 Por Dia

dia com as unidades de estudo, porém realizando as atividades anteriores não satisfatoriamente, com pouca experiência musical, com dedicação razoável ao instrumento; e (3) alunos que estavam em dia com as unidades de estudo, que possuíam boa experiência musical e/ou se dedicavam satisfatoriamente ao instrumento. Os grupos, contendo um número máximo de nove alunos, foram formados a partir dos turnos e horários disponíveis de cada um, e incluíram alunos de níveis distintos, permitindo que alunos mais avançados pudessem dar apoio e contribuir na execução de acompanhamentos mais elaborados. Todos se reuniam no polo em encontros de duas horas e meia para cada grupo, assim distribuídas: (1) momento com trinta minutos de duração, para reforço dos iniciantes dos grupos 1 e 2, e preparação para a aula, posto que esses alunos chegavam trinta minutos antes da aula comum a todos, para uma prévia do que seria abordado e/ou revisão do encontro anterior; (2) momento com uma

hora e meia de duração, no qual ocorria a aula comum a todos, com foco na unidade de estudo da semana, na recuperação das unidades de estudo iniciais e na revisão das atividades da aula anterior, se necessário⁴⁵; e (3) momento com trinta minutos de duração, acontecido ao término da aula comum a todos, no qual os que tivessem condições e interesse em avançar um pouco além do que foi proposto na unidade de estudo ficavam trabalhando por mais tempo. Além dessas duas horas, o aluno deveria estudar em casa o tempo necessário (mínimo 45 min. diários), para acompanhar o que lhe foi proposto como meta naquela semana.

Nessas ocasiões utilizava-se o *data show*, projetando unidades de estudo, peças e outros itens, a fim de dinamizar a aula. Também se lançou mão de um editor de partitura ou de *softwares* musicais como suporte para fazer atividades de intervalos, ritmos, tonalidade, solfejos e ditados rítmicos, pois com isso os alunos mostravam grande interesse e o encontro se tornava muito agradável e descontraído. Em geral, o conteúdo de Musicalização podia ser abordado com essas atividades, sempre utilizando a voz, o corpo e o instrumento. Ao final de cada aula, era feito um pequeno relatório, contendo o nome dos alunos que compareceram à atividade, quais unidades de estudo e peças foram trabalhadas, quais exercícios foram feitos e o que deveria ser recordado ou reforçado na aula seguinte. Não era necessário que o aluno soubesse dos encontros tocando perfeitamente o que aprendeu, mas era essencial que compreendesse tanto o conteúdo trabalhado quanto o processo de aprendizagem, pois queimar etapas poderia comprometer o seu desenvolvimento. Para o bom desempenho nas aulas, os alunos eram orientados a: (1) terem seus *Ebooks* impressos e organizados; (2) trazer as partituras da semana e das unidades de estudo anteriores para as revisões; (3) ser pontual; (4) fazer as anotações de desempenho ao final do encontro na sua planilha individual; (5) deixar os teclados desligados e devidamente cobertos ao final das aulas; (6) ter disciplina no momento da aula; e (7) ler a unidade de estudo da semana antes do encontro para se inteirar do assunto.

Tudo estava estruturado de tal forma, que caberia ao aluno apenas estudar; aí, contudo, o método foi confrontado com uma dificuldade real: os alunos não estudavam na medida do que vinha sendo solicitado, ou seja, trinta minutos por dia. Por causa disso, principalmente por volta do Semestre VII, fora observado um aumento de ausências no polo, uma crescente falta de dedicação aos estudos de Teclado e, por conseguinte, defasagens paulatinamente

⁴⁵ O momento 2 se inicia com a leitura da unidade de estudo daquela semana, a partir da qual eram realizadas as atividades propostas conforme o passo-a-passo de estudos, incluindo solfejo, leitura rítmica, contextualização das peças, leituras à primeira vista e outras atividades envolvendo o conteúdo abordado.

"45 por dia" - Prolicenmus EAD - UFRGS									
Aluno: 0000-000 Tei. Fixo: 0000-000 Celulares: 0000-000									
DATA	Controle de tempo de estudos	Leituras à primeira vista e Solfejo			CARINHOSO "Ponto C"			ESTUDO II CZERNY/SONATINA "Ponto C"	
		Qual estudou/ como estudou - descreva com detalhes	OBS do tutor	Qual estudou/ como estudou - descreva com detalhes	OBS do tutor	Qual estudou/ como estudou - descreva com detalhes	OBS do tutor	Qual estudou/ como estudou - descreva com detalhes	OBS do tutor
TEMPO DE ESTUDO (coloque somente números correspondentes aos minutos)									
QUA - 08/06/11									
QUI - 09/06/11	35			estudei tocando e cantando e precisei retomar algumas vezes dos compassos 21 até o, onde creio que é minha maior dificuldade.	Isso mesmo, repita quantas vezes forem necessárias nas partes mais difíceis que darão bom resultado. -PREENCHA A COLUNA DOS MINUTOS ESTUDADOS SOMENTE COM NÚMERO E COLOQUE SEUS TELEFONES NA PLANILHA			eu não apresentei a sonatina na gravação, mas tenho estudado, a quem sabe poderá apresentá-la na próxima gravação.	Você deve apresentar somente a peça que escolheu para a primeira gravação. Pode apresentar pra mim no polo, para gravação não haverá avaliação da mesma.
SEX - 10/06/11	30	unid 08 da 01 a 04, lendo, tocando ao piano, marcando os tempos.	Siga sempre os passos indicados e as "atividades" nas Ues.	toquei mais duas vezes	Cuidado! Vc pode tocar ou estudar, o que tem diferença. TOCAR - Vc toca a música, intencionalmente simulando a gravação sem parar. TOQUEI - Vc toca sozinho, depois resume para melhorar, fazendo com MS e justas, cantando fazendo variações diversas para fazer aquele trecho. Depois de "ESTUDAR" não toque, só em outro momento ou no de seguida. Isso faz com que o cérebro processe o que foi estudado.			recordei o estudo prestado, atenção nos compassos e andamento.	Faça simulação da gravação TOCANDO o que irá gravar. Se tiver oportunidade de gravar, mesmo que seja só o áudio será excelente para ouvir e se analisar, ver o que pode melhorar, onde estão os problemas do que gravou (se tiver, claro).
SAB - 11/06/11									
SEMANA 102	65	Leituras à primeira vista e Solfejo			CARINHOSO "Ponto C"			ESTUDO II CZERNY/SONATINA "Ponto C"	
DOM - 12/06/11									
SEG - 13/06/11	40	fiz a leitura de acordo com a partitura, li a 2.ª vez. E preciso primeiro e depois solfejar uma (depois de dois) vezes para não ter problemas.	Na gravação 3 será leitura a 2.ª vez. E preciso primeiro e depois solfejar uma (depois de dois) vezes para não ter problemas.	estou me concentrando mais nessa canção, pois este semestre não vou avançar nos estudos.	Isso mesmo. Trabalhe com os ritmos com as duas mãos na polca sem cantar ou cantando. Percebi que a dificuldade que vc tem: Foque nisso!!!			toquei duas vezes.	Se não me enganar não há necessidade de regravar, de uma olhada no parecer da 2ª gravação...

Figura 10.14: Tabela online para registro do estudo diário, no programa 45 Por Dia

mais intransponíveis entre os colegas. Percebeu-se que nesse período, já próximo ao final do curso, também as atividades das diferentes interdisciplinas se intensificaram e os alunos passaram a dedicar menos tempo ao estudo do instrumento. E a falta de frequência ao polo levou os alunos a se sentirem isolados e desmotivados. Agravando o quadro, atrasos no cumprimento do programa evidenciaram que a solicitação inicial de trinta minutos diários de estudo já não mais seria suficiente. Diante disso, no polo de Porto Velho, foi pensada uma forma de incentivar o envolvimento dos alunos, para que estudassem pelo menos quarenta e cinco minutos por dia e tivessem um retorno do que haviam praticado. Assim, foi elaborado e proposto o programa 45 Por Dia. Para tanto, todos os alunos receberam acesso a uma planilha individual no *Google Docs*, devidamente configurada em *public on the web e can edit*, bem como explicações sobre o seu funcionamento e finalidade. A planilha (Figura 10.14) possuía uma coluna inicial com a data de cada dia do semestre, seguida de outra, onde o aluno registrava os minutos estudados diariamente. Cada dia correspondia a uma linha e ao final de cada semana era possível contabilizar o total de minutos estudados através da somatória automática. Na primeira linha da coluna seguinte era colocado o nome da atividade, que o aluno deveria estudar (leitura à primeira vista, peça, estudo, escala). Para cada atividade havia duas colunas, sendo a primeira para o aluno colocar o que estudou, como estudou e quais as dificuldades encontradas, e a segunda, para o tutor fazer os comentários e incentivos referentes ao comentário do aluno. Foi feito um *feedback* diário, que exigia dedicação do aluno e principalmente do tutor de Teclado na atualização da planilha de cada um. Uma vez por semana era feito um extrato dos minutos estudados por cada aluno e gerado um gráfico comparativo com todos os alunos, o qual era posteriormente enviado por *e-mail* a todos.

Ainda como forma de reforço, esse gráfico era afixado em lugar estratégico no polo, para que todos vissem as colocações de cada um, dando destaque aos três primeiros colocados da semana (Figura 10.15). O gráfico mostra os resultados de um período de cinco semanas. A proposta se adequou bem ao período final do curso, em que as peças eram em menor quantidade e os alunos levavam um tempo maior para prepará-las, devido ao seu maior grau de dificuldade. A receptividade para essa proposta foi além do esperado e o crescimento no tempo de estudo foi elevado consideravelmente. Com este acompanhamento diário, muitos alunos que estavam distantes do compromisso do estudo do Teclado começaram a se disciplinar, adquirindo uma maior autonomia e se sentindo mais socializados e motivados. As experiências relatadas mostram procedimentos básicos para organização, bom progresso e realização de algumas atividades na tutoria de Teclado, que podem ser adaptados para outro instrumento, conforme a necessidade. No início do PROLICENMUS, muitas foram as dúvidas e as

necessidades de informações de detalhes como essas aqui relatadas, pois por se tratar de um modelo inédito no país, algumas atividades musicais, até então, não haviam sido colocadas em prática. Grande parte delas, não por terem sido esquecidas pelo método, mas porque não foram suficientemente compreendidas e/ou levadas realmente a sério. Para o tutor Edilson Schultz:

Também deixo aqui registrado o grande crescimento intelectual, acadêmico e pedagógico que obtive como tutor nesse período de quatro anos e meio do projeto. Passei a perceber a Música de um modo ampliado, acreditando que iniciativas como esta podem chegar a lugares longínquos, dando oportunidade de formação e aprimoramento a muitos docentes que farão diferença na educação musical do Brasil.

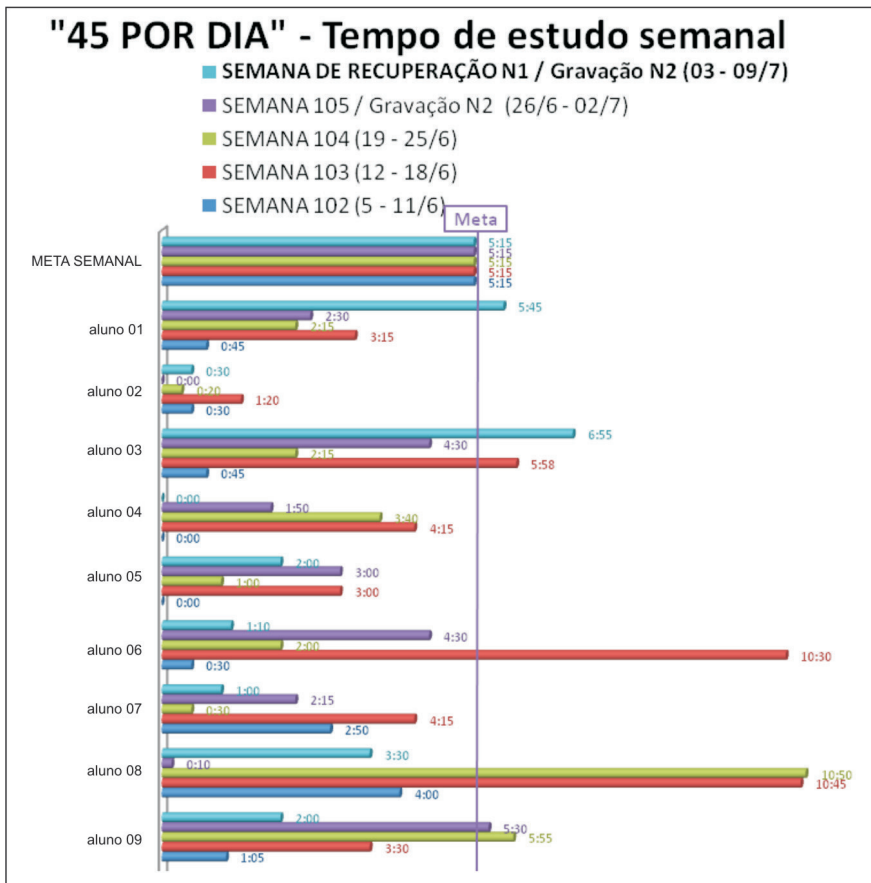


Figura 10.15: Horas de estudo por aluno, no programa 45 Por Dia.

Concluindo, os relatos de experiência aqui apresentados descrevem as ações de alguns dos agentes na complexa cadeia do ensino do teclado a distância, modalidade que até muito recentemente se acreditava ser inadequada à aprendizagem instrumental. Em comparação ao paradigma tradicional, o ensino do instrumento na EAD possui um caráter essencialmente coletivo e colaborativo, onde os resultados dependem do comprometimento de todos os envolvidos no processo educacional. Se na tradição do ensino instrumental o aluno tem um papel eminentemente passivo na relação mestre-aprendiz, na EAD o aluno é encorajado a assumir um papel central no processo de construção do seu conhecimento. Mais ainda: essa modalidade de ensino não apenas encoraja, mas depende ela mesma da construção da autonomia do aluno. Espera-se que a experiência e os materiais didáticos produzidos ao longo do PROLICENMUS possam contribuir para edições futuras do curso, bem como para discussões acerca do ensino a distância do teclado e de outros instrumentos. O relato a seguir apresenta a utilização do OA *Ebook* – Teclado Acompanhamento em uma disciplina do curso de Licenciatura em Música da UFRGS, na modalidade presencial.

Transferência a Outro Contexto ⁴⁶

Práticas Instrumentais é uma disciplina eletiva do currículo do curso presencial de Licenciatura em Música da UFRGS, na qual o aluno escolhe a ênfase em teclado ou violão. A disciplina não possui pré-requisitos e é desenvolvida em dois semestres letivos com carga horária total de 60 horas, tendo como objetivo o desenvolvimento da prática instrumental aplicada ao canto acompanhado no contexto do trabalho educacional e artístico em música com crianças, jovens e adultos. Em consonância com o previsto na Portaria MEC 4.059/2004 (BRASIL, 2004), com vistas à qualificação do ensino presencial, no ano de 2009, a disciplina Práticas Instrumentais - Teclado foi realizada pela primeira vez, empregando tecnologias e estratégias de ensino-aprendizagem mediadas por elas, em modalidade EAD. Para tal, foram utilizados recursos pedagógicos produzidos inicialmente pelo CAEF para a REDE, os quais, após aprimoramento e ampliação, também foram utilizados no curso PROLICENMUS. Mais sobre os fundamentos teóricos da experiência podem ser conhecidos em outros textos já mencionados neste livro (CAEF, 2012), (ROSAS; STAROSTA, 2009), (ROSAS; WESTERMANN, 2009) e (WÖHL-COELHO, 1999). Através deste breve relato se pretende demonstrar o processo de implementação, desenvolvimento e

⁴⁶O texto desta seção é uma condensação de outro, publicado nos Anais do Encontro Regional da ABEM Sul (Montenegro/RS, maio 2012).

avaliação da disciplina Práticas Instrumentais – Teclado em modalidade EAD, no curso presencial homônimo da UFRGS.

Desconsiderando eventuais diferenças entre os contextos de curso presencial e a distância, mas baseado-se unicamente na súmula prevista para a disciplina Práticas Instrumentais - Teclado, foram definidas metas próprias ao novo contexto. Para alcançá-las, foram selecionadas unidades de estudo específicas, dentre as produzidas para o PROLICENMUS, adaptando seqüências inicialmente previstas àquele novo contexto, disponibilizando-as semanalmente na plataforma Moodle, reagrupadas agora para a nova condição de disciplina EAD em curso presencial. Por isso, além das ações já previstas nas unidades de estudo originais, foi necessário acrescentar outras atividades online como novos Fóruns e novas Tarefas. Efetivamente, então, constatou-se haver diferenças entre os contextos do curso a distância, representado pelos projetos de Extensão do CAEF e de Ensino do PROLICENMUS, e outro presencial com disciplina a distância, qual seja, a disciplina Práticas Instrumentais – Teclado, aqui abordada.

Nos cursos integralmente a distância, onde o material didático fora empregado, o público-alvo era formado por professores de Artes das redes públicas de ensino nas cinco regiões do Brasil. Para o ingresso naqueles cursos, não houvera prova de habilidade específica, assim sendo, entre os ingressantes, encontravam-se alunos com diferentes níveis de formação musical e instrumental. Para ingresso no curso de Licenciatura em Música presencial, porém, sempre ocorre uma prova de habilidade específica que, naturalmente, delimita um nível de conhecimento específico inicial superior àquele com ingresso sem pré-requisitos. Outra diferença está na disciplina em si, pois no curso a distância o teclado é ensinado numa interdisciplina de caráter obrigatório, Seminário Integrador, e tem continuidade por oito semestres, totalizando 120 unidades de estudo para o ensino-aprendizagem; mas a disciplina Práticas Instrumentais – Teclado do curso presencial tem caráter eletivo e ocorre em apenas dois semestres, de forma condensada, totalizando 60 horas ou quatro créditos.

As aulas em modalidade EAD no contexto do curso presencial foram oferecidas como um apoio presencial opcional, mas existia uma obrigatoriedade de presença online, verificada pelo monitor, através de relatórios extraídos do AVA. A professora compareceu a algumas aulas, com o intuito de verificar o andamento das mesmas, auxiliando os alunos e o monitor, e esclarecendo eventuais dúvidas; todavia, sua tarefa era normalmente cumprida à distância. As avaliações eram presenciais e foram realizadas de forma similar às realizadas no curso EAD, ou seja, os alunos compareciam à sala de aula presencial e o monitor gravava seu desempenho em áudio e vídeo. Depois disto, esses arquivos,

encaminhados à professora da disciplina, eram avaliados. Após tais avaliações, os alunos recebiam um parecer referente a seu desempenho e também seu conceito parcial, através do AVA. Ao final do semestre, para a atribuição dos conceitos conclusivos, além dos resultados obtidos a partir das gravações, foram considerados os relatórios de acompanhamento dos alunos, feitos pelo monitor da disciplina, e uma autoavaliação.

Com o intuito de compreender a visão dos alunos sobre a proposta pedagógica utilizada, eles foram questionados em quatro momentos avaliativos, quanto às impressões, resultados efetivamente obtidos, sugestões e reclamações a respeito da metodologia e da modalidade de ensino adotada na disciplina. Relatos de que a proposta foi de maior ou menor agrado se seguiram, na maioria, contudo, favoráveis ao esforço de compreender o processo em forma ampla, apresentando sugestões sobre como reprogramá-lo para outras edições. Algumas das falas dos alunos, registradas nos vídeos realizados, demonstram resistência em aceitar a proposta, com frases como “Não concordo que uma cadeira instrumental seja a distância”, o que é totalmente compreensível, tendo em vista que na maioria dos casos este era o primeiro contato com um curso nessa modalidade. Mesmo essas, porém, representam minoria diante de afirmações como “Eu gostei da disciplina a distância porque não tenho a obrigação de estar aqui [sala de aula] toda sexta-feira. E mesmo vindo, sempre tem o monitor que ajuda no que a gente não conseguiu resolver em casa”.

Também os procedimentos de ensino e os materiais didáticos foram lembrados, em comentários respectivamente representados por frases como “Eu particularmente gostei do jeito que a proposta foi elaborada e acho que está muito bom, a questão do *Ebook*, ele facilita muito”. Por outro lado, outras manifestações demonstravam desconforto advindo da surpresa e/ou das dificuldades de acesso à tecnologia mínima necessária para que os objetivos fossem alcançados, como a que segue:

Para mim foi difícil estudar teclado em EAD não tendo computador em casa; demorei para comprar meu teclado mas comprei [...] ver os vídeos, ver as partituras e imprimir, é tudo mais fácil tendo o computador em casa, então eu tive grande dificuldade, mas elogio a didática. [...] Às vezes, teve um pouco de excesso de texto [...] eu gostaria de ver todos os vídeos, eu gostaria de ler todos os textos, mas às vezes é impossível.

A necessidade de ampliar os conhecimentos por intermédio de novos métodos e meios, com afirmações como “Eu prefiro o presencial, mas como eu tinha falado, acho que não estou acostumado com [o ensino] a distância; às vezes é questão de se adaptar [...]” e a consciência de possibilidades de desdobramento

para tais experiências de aprendizagem, com frases como “Por já ter tocado teclado anteriormente, a cadeira ajudou-me muito mais na parte de conhecer uma metodologia de ensino [...]” são ganhos secundários significativos desta experiência. É onde se pode perceber, que as dificuldades de acesso à tecnologia configuravam-se em grande problema; situação, contudo, que foi sendo resolvida no decorrer do processo.

A despeito de esta transferência do *Ebook* a outro contexto ter sido continuada em 2010 e 2011, abordou-se aqui o momento inicial, no qual a proposta de ensino de um instrumento musical na modalidade a distância utilizada em uma disciplina de um curso presencial e concepção de monitoria de disciplina de curso presencial ministrada a distância se estruturaram. Integrado a um projeto de pesquisa maior e longe de esgotar o tema, este texto expõe observações feitas com base na capacidade de observação inicial do processo ocorrido, na visão das pessoas que o conduziram: um monitor, agindo presencialmente e em contato direto com os alunos, e a professora responsável, atuando à distância e em contato com os alunos apenas por intermédio desse monitor e da apreciação de seus vídeos de avaliação. A informalidade deste texto se justifica por se tratar de um registro ainda apenas pessoal, posto que um estudo mais rigoroso ainda está sendo desenvolvido. Considerou-se relevante, contudo, fazer esse breve registro histórico pertinente às primeiras impressões sobre a possibilidade de transferir conhecimentos construídos na EAD para o contexto presencial.

O principal objetivo do trabalho sobre o qual aqui se relata era, certamente, proporcionar o ensino-aprendizagem de teclado como instrumento acompanhador; mas esse não foi o único, pois outro importante objetivo foi a inserção da modalidade de ensino EAD no cotidiano do curso presencial, com vistas a ampliar as formas de estudo, enriquecendo as perspectivas profissionais dos alunos. Justifica-se tal investimento diante da incontestável constatação de que a modalidade de ensino EAD mediada por tecnologias se impõe a cada dia mais, vindo a oferecer diversas oportunidades de atuação e novas formas de inserção no mercado de trabalho, ampliando conhecimentos e modos de interação. Algumas dificuldades foram constatadas, como um certo “sentimento de abandono”, provocado por aquilo que os alunos entenderam ser “pouca cobrança” e os responsáveis, “pouca autonomia de estudo”; contudo, as “boas impressões” em relação ao estudo à distância se confirmaram. Conclui-se, então, que vivências de ensino de teclado mediado por TICs ocorridas tanto em ambiente presencial como à distância, utilizando para isto a caracterização do contexto de ensino-aprendizagem da disciplina Práticas Instrumentais - Teclado, citações dos atores envolvidos, e a apresentação de um panorama geral oriundo de observações dos resultados obtidos apontam um aproveitamento necessário,

satisfatório e promissor deste modelo de ensino, que adota a EAD mediada por tecnologias da informação e comunicação em uma determinada disciplina de um curso em modalidade presencial.